



COMUNHÃO V – FAMÍLIA I PRESENTES E DISPONÍVEIS ESTUDO 801

“Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos.

Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem.

A tua mulher será como videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira, à roda da tua mesa.”

Salmo 128:1–3 (ARC)

Estudo: 12 março 2026

Igreja: 23 a 27 de março 2026

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em família relevante, imaginamos pai, mãe e filhos partilhando a vida. Visualizamos conversas que formam caráter, que transferem valores bíblicos, decisões tomadas em conjunto, afetos expressos no cotidiano. Pensamos numa casa que não é apenas abrigo físico, mas espaço de formação espiritual e emocional.

Entretanto, a experiência contemporânea revela uma tensão crescente entre estrutura e essência.

Nunca se construiu tanto, e, paradoxalmente, nunca foi tão necessário reaprender a construir corretamente.

Nunca tivemos casas tão confortáveis e com tantos recursos. Nunca tivemos tantas ferramentas para comunicação, mas ao mesmo tempo, nunca tivemos tantas famílias emocionalmente distantes e desconexas.

A pergunta que precisamos fazer é: - *O que está faltando dentro das nossas casas?*

As Escrituras apresentam a casa não apenas como edifício, mas como projeto divino. Desde os relatos iniciais do Livro do Gênesis, a formação da família aparece como parte do propósito criacional de Deus. A união de homem e mulher, a transmissão de vida e a formação de descendência não são meros fenômenos sociais; são desdobramentos da ordem estabelecida pelo próprio Criador.

No entanto, as mesmas Escrituras também revelam que aquilo que nasce de Deus precisa permanecer dependente Dele. O lar não se sustenta apenas por capacidade administrativa, competência profissional ou prudência financeira. Ele exige fundamento espiritual.

É nesse ponto que o Salmo 127 se torna decisivo:

Salmo 127:1

Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.

Este salmo, tradicionalmente associado à sabedoria de Salomão, pertence à tradição sapiencial de Israel. Ele não nega o valor do trabalho — pelo contrário, pressupõe que há trabalhadores e que há sentinelas. O problema não é o esforço humano, mas sua autonomia. O texto denuncia a pretensão de autossuficiência.



A expressão “*em vão*” aponta para algo transitório, inconsistente, sem permanência duradoura. É possível investir energia, tempo e recursos, e ainda assim construir algo frágil. A crítica do salmista não é contra a construção, mas contra a construção sem Deus.

Aplicado ao contexto familiar, isso significa que organização, estabilidade e planejamento são importantes, mas insuficientes. Quando o Senhor não é o fundamento, o esforço torna-se exaustivo e o resultado instável.

Antigamente, muitos casais iniciavam a vida sem muitos recursos e sem grande estrutura. Construía tudo juntos ao longo do caminho. Hoje vivemos dias em que muitos jovens se preparam financeiramente antes do casamento, estabelecem metas e planejam cada detalhe com responsabilidade. Isso revela prudência. Todavia, a busca intensa por segurança material pode, muitas vezes, sufocar o tempo necessário para desenvolver maturidade relacional e profundidade nos vínculos.

Assim, surgem situações paradoxais dentro do lar:

- Pessoas que, no futuro, tornam-se estranhas morando na mesma casa, porque os vínculos são frágeis.
- Casas confortáveis, mas famílias emocionalmente distantes.
- Tudo bem planejado e organizado, mas espiritualmente vivendo na superficialidade.

A família não se sustenta apenas por provisão; ela precisa de direção. Essa direção nasce da harmonização entre duas dimensões fundamentais: *o altar*, que estabelece o eixo vertical da relação com Deus, e *a mesa*, que fortalece o eixo horizontal das relações familiares.

PRESENTES E DISPONÍVEIS

A crise da família moderna não se resume à ausência física, mas à ausência relacional.

Estar presente não significa estar disponível. ***Presença é geográfica; disponibilidade é afetiva.*** Pode-se dividir o mesmo espaço e, ainda assim, não partilhar a vida.

A sociedade contemporânea valoriza produtividade, desempenho e resultados. Pais trabalham longas jornadas para oferecer melhores condições aos filhos. Casais esforçam-se para manter estabilidade financeira. Filhos crescem cercados por oportunidades educacionais e tecnológicas. Entretanto, a intensidade das demandas externas frequentemente corrói o tempo interno da família.

A Escritura apresenta a formação espiritual como responsabilidade cotidiana e que deve ser vivida no seio da família.

Em Deuteronômio, lemos:

Deuteronômio 6:6-7

Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te.

O texto pressupõe convivência. Pressupõe tempo compartilhado. Pressupõe diálogo constante. A transmissão da fé não ocorre apenas em momentos formais, mas na rotina e dinâmicas da casa.



Quando a família perde a prática do diálogo intencional, perde também o espaço natural de discipulado e formação espiritual. A fé passa a ser *terceirizada* para a igreja, para o culto, para o domingo. Contudo, a Escritura aponta para um modelo em que o lar é o primeiro ambiente formador.

O próprio Salmos 127 conecta construção e guarda.

Salmos 127:1

*Se o Senhor não **edificar** a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não **guardar** a cidade, em vão vigia a sentinela.*

Construir é estabelecer; guardar é preservar. Muitos constroem estabilidade, mas não preservam vínculos. Muitos oferecem provisão, mas não cultivam proximidade.

Antigamente, a escassez material não impedia a convivência; hoje, a abundância de recursos pode dificultá-la. Não se trata de idealizar o passado, mas de reconhecer que intimidade exige intencionalidade e disponibilidade.

A dispersão da atenção tornou-se um dos principais desafios contemporâneos. A tecnologia, embora útil, frequentemente fragmenta o tempo familiar. Cada membro ocupa-se com seu próprio universo, mesmo estando sob o mesmo teto.

O resultado é uma presença esvaziada de comunhão.

E é precisamente aqui que se evidencia a urgência de restaurar os fundamentos bíblicos do lar. Como já dito, a família precisa de um eixo vertical, o altar, que a conecte com Deus. E precisa de um eixo horizontal, a mesa, que fortaleça os laços relacionais internos. Sem essa integração, a casa pode permanecer de pé estruturalmente, mas fragilizada espiritualmente.

Entre o altar e a mesa encontra-se o espaço onde a fé deixa de ser teoria e torna-se prática diária.

O ALTAR – O ponto onde a Terra toca o Céu

O *altar*, nas Escrituras, sempre representou o lugar de encontro entre Deus e o Homem. Não era apenas uma estrutura de pedras; era o ponto onde a Terra tocava o Céu. Em Gênesis 8:20, após sair da arca, Noé edificou um altar ao Senhor. Antes de construir uma casa para si, ele construiu um lugar de adoração. Isso revela um princípio eterno: o altar vem antes da estrutura. A família não começa na mesa, começa no altar.

Em Gênesis 12:7, quando Deus aparece a Abraão, em Siquém, e reafirma a promessa, o texto diz que ele edificou ali um altar ao Senhor. Logo depois, entre Betel e Ai, ele novamente ergue um altar e invoca o nome do Senhor (Gênesis 12:8). Após o período no Egito, ele retorna ao lugar onde antes tinha feito o altar, e ali invoca, outra vez, o nome do Senhor (Gênesis 13:3-4). Mais tarde, em Hebrom, nos Carvalhais de Manre, ele torna a edificar outro altar ao Senhor (Gênesis 13:18).

O altar era o centro da vida de Abraão. Promessa recebida, altar levantado. Crise enfrentada, altar restaurado. Direção recebida, altar estabelecido. O altar era sinal de prioridade, consagração e dependência.



Altar, portanto, é o lugar da entrega. Em Êxodo 20:24-25, Deus ordena que o altar fosse feito de pedras simples, não lavradas, para que não houvesse glória humana. Isso nos ensina que o altar não é sobre aparência, mas sobre obediência. Na família, o altar representa a vida espiritual ativa: oração, Palavra, dependência de Deus, decisões tomadas sob temor do Senhor.

Josué 24.15

Eu e a minha casa serviremos ao Senhor”

Isso não é apenas uma declaração; é a definição de um altar doméstico.

Mas quando chegamos ao nascimento de Isaque, percebemos uma mudança interessante. Gênesis 21:5 declara que Abraão tinha cem anos quando Isaque nasceu. A promessa que esperou cerca de vinte e cinco anos finalmente se cumpriu. Em Gênesis 21:8 está escrito que Abraão fez um grande banquete no dia em que Isaque foi desmamado. Culturalmente, isso acontecia por volta dos dois ou três anos de idade da criança. A celebração era legítima. A promessa havia chegado.

Logo depois, em Gênesis 21:33, o texto afirma que Abraão plantou um bosque em Berseba e invocou ali o nome do Senhor, o Deus eterno. Aqui não vemos menção de altar de pedras, mas de um bosque plantado. O bosque fala de estabilidade, permanência, sombra. Abraão agora não é apenas peregrino; ele está estabelecido. Ele tem filho, alianças firmadas (Gênesis 21:22-24), reconhecimento social.

Não há pecado no bosque, nem no banquete. O problema surge quando a estabilidade substitui a intensidade do altar. Enquanto esperava o filho, Abraão levantava altares continuamente. Após o nascimento, a narrativa bíblica silencia quanto à construção de novos altares até Gênesis 22.

Então, em Gênesis 22 Deus prova Abraão:

Gênesis 22:1-2

Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas... e oferece-o ali em holocausto.

Deus pede exatamente aquilo que representava o cumprimento da promessa.

Por que Deus pede Isaque? Porque nenhuma promessa pode ocupar o lugar da presença de Deus. Deus não divide o altar.

Em Gênesis 22:9, Abraão edifica novamente um altar. O altar reaparece no momento de maior tensão. O texto mostra que Isaque sobe o monte carregando a lenha (Gênesis 22:6) e pergunta:

Gênesis 22:7

Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro?

Isaque participa do processo. Ele não é espectador; ele é inserido no altar. A história de Isaque nos ensina também que as crianças devem ser integradas ao altar. Para a próxima geração entender a importância do altar em nossas vidas, essa verdade deve ser ensinada de forma vivencial.

Provérbios nos recorda:

Provérbios 22:6

Instrui o menino no caminho em que deve andar.



Essa instrução deve transcender o verbal e se manifestar em cada aspecto do dia a dia, criando um padrão de vida que busca a presença de Deus.

Atualmente, é fundamental voltarmos aos altares em nossas casas. A disponibilidade emocional não se resume a estar presente fisicamente; deve incluir disponibilidade emocional e espiritual. Para isso, é necessário desligar dispositivos, abrir espaço para o diálogo e tornar a oração e a adoração partes ativas da vida familiar. Restaurar a vida do altar em nossos lares significa que não basta estar presentes; precisamos estar inteiros. Esse retorno reavivará as conexões que nos sustentam, transformando nossas casas de meros endereços a lares cheios da presença de Deus. A verdadeira transformação começa quando reconhecemos que a qualidade de nossa disponibilidade é o que realmente fortalece uma família.

MESA: *A mesa é onde o Céu toca a família*

Se o altar é o lugar onde a Terra toca o Céu a *mesa* é o lugar onde o Céu toca as relações humanas e espirituais. A *mesa* na Escritura não é apenas um detalhe do cotidiano mas um símbolo profundo de comunhão, identidade e formação. Desde os móveis sagrados do tabernáculo até à *mesa* do Senhor no Novo Testamento a presença da *mesa* revela que Deus deseja não apenas nosso culto mas nossa convivência.

Quando Deus ordena: “*Farás também uma mesa*” (Êx 25:23) ele estabelece que o lugar do alimento também deve ser lugar da presença. A continuação do texto diz: “*Porás sobre a mesa os pães da Proposição para que estejam continuamente diante de mim*” (Êx 25:30). Aqueles pães chamados “*pães da Proposição*” falam de algo muito além de alimento. Eles representam permanência, proximidade e relacionamento constante. Não era provisão isolada. Era comunhão contínua.

Ao longo do Antigo Testamento a *mesa* também é espaço de restauração e honra. Quando o rei Davi chama Mefibosete e diz: “*Tu comerás sempre à minha mesa*” (2Sm 9:7) Ele não está apenas convidando para uma refeição. Ele está devolvendo dignidade, pertencimento e identidade. Isso nos mostra que a *mesa* é ambiente relacional e não apenas funcional. Do mesmo modo, o salmista declara “*Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários*” (Sl 23:5). A *mesa* aqui se torna símbolo de cuidado e segurança de Deus, mesmo em meio à oposição.

No Salmo 128, o quadro familiar é fortemente ligado à *mesa*:

Salmos 128:3

A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos, como plantas de oliveira, à roda da tua mesa. (ARC)

A videira frutífera fala de alguém que não só existe, mas produz fruto. A videira que dá fruto é aquela que foi cuidada, cultivada, regada. A imagem dos filhos como brotos de oliveira nos mostra que o crescimento deles acontece ao redor da *mesa* onde há convivência. A *mesa* é o centro dessa formação. Não é lugar de pressa nem de silêncio isolado. É lugar de proximidade. No Novo Testamento a *mesa* ganha um significado ainda mais profundo. Jesus frequentemente ensina à *mesa*. Ele come com pecadores e marginalizados mostrando que a graça se manifesta no encontro (Lc 5 :29 -32).



Ele instituiu a Nova Aliança reclinado à mesa com seus discípulos (Lc 22:19: 30 -31). A mesa torna-se então lugar de revelação, ensino, comunhão e aliança. A mesa não é apenas social ela é espiritual.

A Igreja Primitiva entendeu isso de forma prática pois “*partiam o pão de casa em casa*” e perseveravam na comunhão (At 2: 46). Isso significa que a fé não estava confinada ao templo mas penetrava a rotina doméstica. A mesa tornava-se extensão da vida espiritual. E isso encontra ressonância também na pesquisa contemporânea.

Diversos estudos recentes na área da psicologia familiar e da sociologia da religião apontam que famílias que compartilham refeições regulares experimentam benefícios significativos. Uma pesquisa publicada na revista *American Psychological Association* demonstrou que refeições familiares frequentes estão associadas a maior bem-estar emocional, melhor desempenho acadêmico dos filhos e menores índices de comportamentos de risco. Entre os benefícios observados estão melhora na comunicação familiar, maior sentimento de pertencimento e menor taxa de depressão juvenil. Outro estudo publicado no *Journal of Marriage and Family* identificou que o ato de comer juntos fortalece os laços afetivos porque cria um ambiente natural para o diálogo, expressão de sentimentos e a formação de valores. Entre famílias que comem juntas frequentemente, e aquelas que não fazem isso, o efeito sobre o relacionamento é similar ao que a Bíblia descreve como intimidade e proximidade. Essas evidências científicas apenas confirmam aquilo que a Bíblia já ensina: que a convivência regular e intencional produz vínculos fortes.

Entretanto vivemos um tempo em que a mesa cristã muitas vezes foi deslocada para segundo plano. A correria da vida, as múltiplas agendas, as distrações tecnológicas e as pressões externas fragmentam o tempo familiar. Assim como a parábola do semeador alerta que as preocupações da vida sufocam a semente boa (Mc 4 :19), da mesma forma a atenção dispersa pode sufocar os vínculos familiares. A presença física sozinha não é suficiente. O que transforma a casa é a presença disponível e não apenas a presença geográfica.

A mesa restaurada como espaço de escuta, convivência e partilha devolve identidade à família. Não é apenas um lugar para comer mas um lugar para ouvir histórias, compartilhar sonhos, esclarecer dúvidas e fortalecer laços. A formação de caráter não acontece apenas em momentos solenes mas em diálogos simples e repetidos na rotina diária. A instrução bíblica acontece não apenas em discurso formal mas no contexto da vida (Dt 6:6 -7). E a mesa é um dos ambientes mais naturais para essa formação.

Se o altar nos conduz verticalmente para Deus a mesa nos aproxima horizontalmente uns dos outros. O altar cultiva dependência espiritual mas a mesa cultiva responsabilidade relacional. O altar estabelece direção. A mesa estabelece identidade. Quando altar e mesa funcionam juntos a fé deixa de ser teoria e torna-se experiência diária e a casa deixa de ser apenas estrutura para se tornar ambiente de presença. Quando há mesa ativa há formação. Quando há diálogo há crescimento. Quando há comunhão há fortalecimento. Entre o altar e a mesa, a família encontra seu equilíbrio espiritual, pois ali a presença de Deus se manifesta tanto na adoração quanto na convivência e é nesse espaço que a fé se torna viva dentro do lar.



CONCLUSÃO

Para concluir, precisamos entender que o altar e a mesa são muito mais do que um móvel dentro de casa; eles são fundamentos do lar. Eles representam algo muito profundo na vida da família.

O altar fala do nosso relacionamento com Deus. Ele se expressa no culto doméstico, nas orações, na busca pela presença do Senhor, na entrega e na adoração. É no altar que a família aprende a depender de Deus, a buscar direção e a alinhar suas decisões com a vontade do Senhor. Quando o altar deixa de existir dentro do lar, não perdemos apenas um hábito espiritual; perdemos também a fonte de sabedoria e os princípios que orientam a vida da família.

Mas a casa não é sustentada apenas pelo altar. Ela também precisa da mesa, pois a mesa é o lugar da comunhão. É ali que a família se encontra, conversa, partilha a vida e constrói memórias. Não é apenas um lugar para comer; é um espaço onde se compartilham sonhos, desafios, alegrias e valores. Muitas vezes, é em torno da mesa que os filhos aprendem lições que carregarão por toda a vida. Assim como o altar sustenta a vida espiritual da casa, a mesa fortalece os vínculos que mantêm a família unida.

Quando essas duas dimensões caminham juntas — *o altar e a mesa* — a presença de Deus encontra espaço para habitar dentro do lar. A fé deixa de ser apenas um discurso e passa a fazer parte da vida diária da família.

O convite de Deus é justamente esse: - que nossas casas se tornem lugares de comunhão com ele e também de comunhão uns com os outros. Por isso, não basta apenas compreender esses princípios, mas é necessário colocá-los em prática.

No próximo estudo especialmente no momento prático que teremos, vamos refletir sobre maneiras simples e reais de restaurar o altar e a mesa em nossas casas. Vamos aprender como transformar momentos comuns do dia a dia em oportunidades de adoração, diálogo e crescimento espiritual.

Que, ao caminharmos nesse processo, nossos lares deixem de ser apenas lugares onde moramos e se tornem, de fato, ambientes onde a presença de Deus é percebida e vivida em cada relacionamento.

Pr. João Leno
Lisboa, Portugal
Março de 2026

Comissão Temária da Família

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA SAGRADA. *Almeida Revista e Corrigida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- CLARKSON, Sally. *Lar que Transmite Vida*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.
- MCDOWELL, Josh. *Deixe-me Contar a História de Deus*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.
- SCHAEFFER, Edith. *A Arte Oculta de Fazer um Lar*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- THOMPSON, Jeremy. *Listas Bíblicas e Teológicas*. Bellingham, WA: Faithlife Corporation.
- TITUS, Devi. *A Experiência da Mesa*. Belo Horizonte: Editora Getsêmani.
- WHITNEY, Donald S. *Adoração no Lar: Family Worship*. São Paulo: Editora Fiel.
- FAITHLIFE CORPORATION. *Logos Bible Software*. Bellingham, WA.